

## OS PURUBORÁS: RESILIÊNCIA CULTURAL DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Luiz Felipe de Oliveira Azevedo<sup>01</sup>

Marco Antônio Domingues Teixeira<sup>02</sup>

### RESUMO

A pesquisa sobre os Puruborá destaca sua resiliência frente à modernidade e colonização. Originários do rio Branco, viram sua cultura transformada, lutando para manter sua identidade como povo indígena. Enfrentam dificuldades na contagem da população devido à dispersão em Rondônia. Sua língua Puruborá, do tronco Tupi, está em risco de desaparecimento. Instalados no Posto Três de Maio em 1919, foram submetidos a mudanças drásticas. Transferidos para a reserva Roosevelt em 1949, enfrentaram dificuldades econômicas. Atualmente, lutam por seus direitos territoriais e enfrentam ameaças como desmatamento e invasões. A pesquisa destaca a importância da preservação da diversidade étnica e apoio aos povos indígenas.

**Palavras-chave:** Puruborá, resiliência, colonização, identidade indígena, língua, desaparecimento, direitos territoriais.

01 Estou cursando Direito na Universidade Federal de Rondônia Unir. Tenho conhecimento no uso aplicativos do Pacote Office, Word e Excel através do curso de informática da Digicursos, e faço curso de Inglês nível intermediário avançado na Fisk desde 2020 até os dias atuais. Participei e apresentei "OS PURUBORÁS: RESILIÊNCIA CULTURAL DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS" no 5 congresso internacional de Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça (DHJUS) cuja instituição promotora fora a UNIR. ORCID: 0009-0007-2423-9584. [luizfelipito@gmail.com](mailto:luizfelipito@gmail.com)

02 Doutorado em Ciências Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2004). Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1997). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (1982). Atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Pós-doutoramento em Estudos Culturais pelo Programa Avançado em Cultura Contemporânea - PACC, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2019). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Amazônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Remanescentes de Quilombo do Vale do Guaporé; Populações Afro-Amazônicas, Cidadania, Diversidade Etno-Racial ; Ações Afirmativas; Religiosidade, cultos Afro-Amazônicos; Gênero e Sexualidade; História Regional, Identidade Social, Cultura e Televisão, Cultura Popular, História. estudos sobre folclore e festas juninas, mitologias e bestiários; violência e populações periféricas, conflitos socioambientais e populações indígenas na Amazônia

## INTRODUÇÃO

A história dos Puruborá é uma jornada marcada pela resiliência e ressurgimento em face dos desafios impostos pela modernidade e pela colonização. Originários da região do rio Branco, esse povo viu sua cultura, língua e modo de vida transformados, entretanto, mesmo diante das adversidades enfrentadas ao longo dos séculos, vem acontecendo uma busca pela reafirmação de identidade e direitos como povo indígena. O termo Puruborá é uma autodesignação, que o grupo traduz como “aquele que se transforma em onça para curar”, referenciando os antigos xamãs, e algumas grafias alternativas, já em desusos, incluem Borobura, Puru-Borá, Puru-Bora, Borá e Buruborá.

Os Puruborá atualmente encontram algumas dificuldades na contabilização da população devido à dispersão sofrida pelo grupo, a partir da década de 40 do século XX, por diversos locais de Rondônia e mesmo para fora dele. Alguns dados de 2014 apontam que os Puruborá residentes na sua única aldeia atual, conhecida como Aperoí, somam 40 indivíduos, divididos por 10 residências dispersas pela área entre os rios Caio Espíndola, Manuel Correia e Cabixi e a rodovia federal BR-429. Além desses, existem outras famílias Puruborá, ligadas pelo grau de parentesco, vivendo em vários municípios do estado rondoniense, como Seringueiras, São Francisco e São Miguel do Guaporé, Costa Marques, Rolim de Moura, Ji-Paraná, Ariquemes, Guajará-Mirim, Alta Floresta do Oeste, e Porto Velho. Estima-se que existam entre 200 e 1000 pessoas vivendo nesses locais, de acordo com os próprios Puruborás. Dados do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) rondoniense contabilizam uma população de 220 indivíduos Puruborá em 2015. No entanto, a única informação histórica a respeito de sua população que é considerada é a de Olympio da Fonseca Filho, que contabilizou cerca de 50 indivíduos quando esteve nas cabeceiras do rio São Miguel em 1924.

A língua Puruborá é a única conhecida que faz parte da família linguística Puruborá, do tronco Tupi. Possuindo escassas informações, é um representante da situação preocupante da maioria das línguas indígenas no Brasil. Está com um grande risco de desaparecimento em algum momento no futuro, pois há muito deixou de ser utilizada e ensinada às crianças há pelo menos três gerações, sendo apenas falada parcialmente por dois anciãos da aldeia Aperoí. Entre 2001 e 2007 foi desenvolvido um projeto de Documentação da Língua Puruborá, coordenado por Ana Vilacy Galucio do Museu Paraense Emílio Goeldi, com o objetivo de salvaguardar a língua Puruborá. Com base nos dados coletados da língua Puruborá, foi possível comparar com as outras línguas Tupi e ficou evidente a semelhança maior entre as línguas Puruborá e Karó.

Em relação à questão histórica e suas transformações, com o primeiro contato com o coronel Cândido Mariano da Silva Rondon em 1909 e o estabelecimento do Posto Três de Maio em 1919, sob a administração de José Félix do Nascimento, os Puruborá foram submetidos a uma série de mudanças que afetaram de maneira drástica sua organização social e sua subsistência. As ações dos missionários luteranos e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) tiveram consequências nefastas para os Puruborá. Eles passaram a ser obrigados a se concentrar em um local único, às margens do rio São Miguel, onde havia sido construído o posto indígena. Os Puruborá, que até então se dividiam em vários grupos, passaram a viver juntos nesse local novo. A partir desse momento, houve uma rápida diminuição da população, devido às doenças trazidas pelos brancos, à escassez de alimentos e à violência sofrida.

Mesmo com o fechamento do posto Três de Maio em 1930, os Puruborá continuaram sofrendo com a transferência da aldeia para diferentes lugares até se estabelecerem em 1949 na reserva indígena Roosevelt, permanecendo até hoje. A transferência para essa reserva trouxe uma série de mudanças na organização social e econômica dos Puruborá. Fixaram-se e foram submetidos a um regime de trabalho forçado nas plantações de seringueira, tornando-se a sua principal atividade econômica, vendendo sua produção aos seringalistas a preços irrisórios. A situação só começou a mudar com a criação do Parque Nacional de Picaás Novos, no ano de 1979, representando um marco na luta pelos seus direitos territoriais. Passando a ter o direito de usufruir dos recursos naturais da região, como a castanha, o açaí e o peixe, e a desenvolver atividades econômicas em harmonia com a preservação ambiental. Também se fortaleceu a identidade do povo Puruborá, que passaram a se organizar em associações e a reivindicar seus direitos junto aos órgãos governamentais.

No contexto contemporâneo, os Puruborá enfrentam desafios relacionados às políticas governamentais e decisões judiciais que afetam diretamente seus direitos culturais e territoriais. O parecer da Advocacia-Geral da União (AGU), adotado pelo ex-presidente Michel Temer em 2017, que impõe a tese do marco temporal como condicionante aos processos de demarcação de terras, representa uma ameaça significativa para os Puruborá e outros povos indígenas. Esta medida representa um risco no reconhecimento dos territórios tradicionais e pode dificultar ainda mais a luta dos Puruborá pela demarcação de suas terras.

Apesar dos desafios, os Puruborá continuam firmes na busca por justiça e preservação de sua identidade. A história de resiliência e resistência desse povo serve como um lembrete da importância de proteger e valorizar a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas. Em meio às adversidades, os Puruborá permanecem determinados a garantir a sobrevivência de sua comunidade e a preservação de suas tradições ancestrais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história dos Puruborá é uma narrativa de resistência diante dos desafios impostos pela modernidade. Os originários da região do rio Branco viram sua cultura, língua e modo de vida transformados com o contato com a sociedade nacional. No entanto, mesmo enfrentando dificuldades ao longo do tempo, permanecem tentando reafirmar sua identidade e direitos como povo indígena. Atualmente, o povo Puruborá enfrenta adversidades de contabilização da população devido à sua dispersão por diversas localidades em Rondônia. Existe uma variação de estimativas, mas indicam um número reduzido de pessoas, com a maioria residindo na aldeia de Aperi e outros espalhados por municípios rondonienses. A língua Puruborá, representante da família linguística Puruborá, do tronco Tupi, está em uma crítica situação devido à falta de falantes fluentes e ao risco iminente de desaparecimento. No entanto, iniciativas de revitalização têm surgido, evidenciando o interesse da nova geração em preservar seu patrimônio linguístico e cultural.

## CONSIDERAÇÕES

Como considerações da pesquisa sobre os Puruborá destaco a perseverança de um povo na sua preservação identitária e cultural, além da busca por reconhecimento. A metodologia por fonte bibliográfica utilizada permitiu uma compreensão abrangente da história, cultura e situação atual dos Puruborá, evidenciando a importância da preservação da língua e dos direitos territoriais. Apesar das conquistas, como a criação do Parque Nacional de Pacaás Novos, persistem desafios como o desmatamento e a falta de apoio governamental. Em suma, essa pesquisa busca ressaltar a necessidade de valorização da diversidade étnica e cultural do Brasil e de apoiar os povos indígenas em sua luta pela preservação de suas tradições e territórios.

## FORMANDO O CONHECIMENTO: ANALISANDO DE MANEIRA METODOLÓGICA A PESQUISA SOBRE OS PURUBORÁS

A pesquisa sobre o povo Puruborá empregou de maneira predominante a metodologia bibliográfica, consultando dados e informações disponíveis no verbete organizado pela antropóloga Tarsila dos Reis Menezes, a pesquisadora Ana Vilacy Galucio e o professor de ciências sociais Felipe Ferreira Vander Velden na página dedicada aos Puruborás no site do Instituto Socioambiental; visualizou-se bastante notícias que tornavam visíveis as reclamações de território, como a notícia de 2013 do site Terra “Etnia brasileira recupera sua língua

e agora reivindica suas terras” e a denúncia do medo da perda territorial e cultural com um parecer adotado em 2017 “Marco temporal: indígenas Puruborá temem perder a terra Aperoí, em Rondônia”. Também foi muito importante para essa pesquisa o artigo “Puruborá: Narrativas de um povo ressurgido na Amazônia” (2012) do professor José Joaci Barboza, tanto na contextualização histórica, quanto na apresentação da perspectiva indígena sobre as questões de território, organização social e os desafios enfrentados ao longo do tempo que ainda perduram nos tempos atuais. Ao analisar essas fontes abordei de maneira mais abrangente e contextualizada a trajetória desse grupo étnico, possibilitando a compreensão de sua resiliência, resistência e luta por direitos de reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

MENEZES, Tarsila dos Reis; GALUCIO, Ana Vilacy; VELDEN, Felipe Ferreira Vander. Povos indígenas no Brasil: Puruborá. Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Purubor%C3%A1>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ETNIA brasileira recupera sua língua e agora reivindica suas terras. Terra.com. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/etnia-brasileira-recupera-sua-lingua-e-agora-reinvidica-suas-terras,71058a2ee314e310VgnCLD-2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BARBOZA, José Joaci. Puruborá: Narrativas de um povo ressurgido na Amazônia. Ji-Paraná: Departamento de Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2012.

MARCO temporal: indígenas Puruborá temem perder a terra Aperoí, em Rondônia. Amazônia Real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/marco-temporal-indigenas-purubora-temem-perder-a-terra-aperoi-em-rondonia/>. Acesso em: 25 fev. 2024.